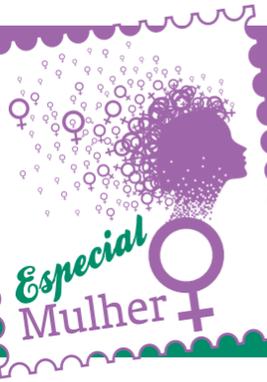


Março de 2016

Responsável: Diretoria Colegiada  
Secretaria de Tecnologia da Comunicação  
Diretor: João Carlos de Rosís



# Sindiluta



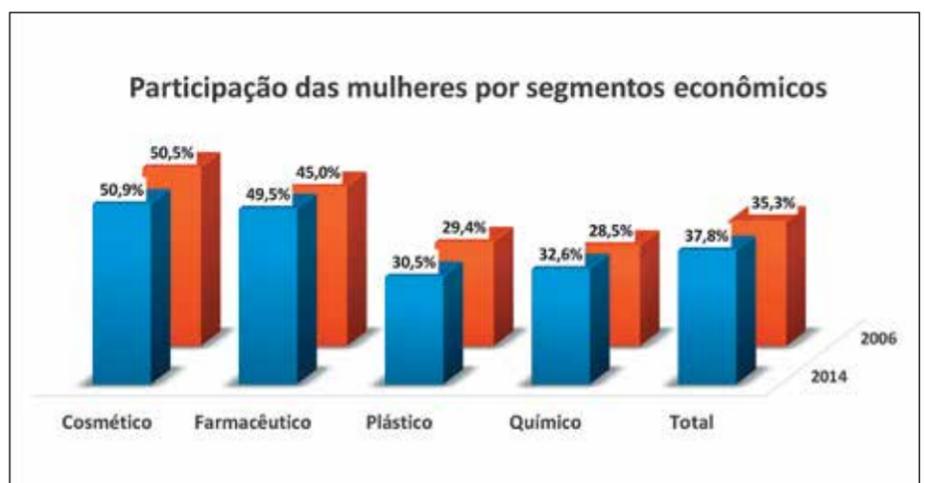
SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS, PLÁSTICOS, FARMACÊUTICOS E SIMILARES DE SÃO PAULO E REGIÃO

# Mulheres avançam no mundo do trabalho

Os avanços no mercado de trabalho brasileiro são inegáveis: em três décadas as mulheres passaram de 26% para 44% do total de pessoas ocupadas. Somente nos últimos dez anos ingressaram mais de 7 milhões de mulheres no mundo do trabalho. Os resultados mais expressivos podem ser constatados pelos dados de crescimento das trabalhadoras com registro, mas as mulheres microempendedoras individuais também dispararam, eram 22 mil em 2009 e, em 2014, são mais de 2,1 milhões de

mulheres dedicadas ao comércio, serviços ou à área de entretenimento.

Entre as trabalhadoras químicas, os resultados são bastante positivos, as mulheres ampliaram a sua participação na categoria em todos os segmentos. São maioria no setor de cosméticos (51%) e são praticamente a metade (49,5%) no setor farmacêutico. No setor químico, evoluíram de 28,5% em 2006, para 32,6% em 2014, e no setor de transformados plásticos, em que predominam os homens, elas já representam 30,5%.



Fonte: RAIS 2014 - MTE

## Escolaridade é maior entre as mulheres

A elevação da escolaridade é parte do modelo de transformação mais justo e inclusivo desenvolvido no Brasil nos últimos anos. Em 2014, as mulheres representavam a maioria das pessoas matriculadas no ensino superior, com forte presença de mulheres

negras. As mulheres com 12 anos ou mais de instrução representavam 27%, enquanto os homens, 17%. Da mesma forma em que se constata uma mudança no perfil dos cursos profissionais, áreas tradicionalmente masculinas estão perdendo espaço para as mulheres.

## Discriminações persistem

As mulheres conquistaram espaço no mundo do trabalho e estudam mais, mas isso não significa que a desigualdade acabou. É muito comum mulheres e homens serem contratados para exercer a mesma função com salários diferentes.

Essa diferença está presente em todos os setores e persiste mesmo quando as mulheres apresentam escolaridade mais elevada. A discriminação pode se manifestar de diferentes formas: as mulheres ocupam cargos ou funções que são menos valorizados socialmente – por exemplo, uma costureira no setor de confecções recebe menos do que um operador de máquina em uma indústria de transformados plásticos. Também temos situações em que ambos realizam tarefas idênticas, entretanto, as mulheres são registradas como ajudantes ou auxiliares e os homens como operado-

res. Outra forma de manifestação da discriminação é o tratamento desigual no momento de receber uma promoção – as mulheres são preteridas.

A secretária da Mulher Trabalhadora do Sindicato, Célia Alves dos Passos, destaca que essas práticas discriminatórias estão associadas ao preconceito e à desvalorização do trabalho da mulher. “É por isso que é muito importante não se calar e denunciar. Não é natural receber salários menores para executar as mesmas tarefas. No Sindicato nosso trabalho tem sido muito forte no sentido de orientar e conscientizar as mulheres sobre os seus direitos”, diz a sindicalista. De acordo com ela, muitas mulheres se calam por medo de perder o emprego, por isso é difícil coibir esse tipo de ação patronal.

## Mais escolarizadas e com menores rendimentos

A realidade das trabalhadoras químicas é idêntica à da maioria das trabalhadoras: embora detenham mais anos de estudo, recebem em média salários menores.

As que possuem superior completo recebem em média 73,1% do salário dos homens.

Por segmento, as diferenças persistem: no setor de cosméticos, em que a maioria são mulheres, os salários em média correspondem a 60,2% do salário deles; na indústria farmacêutica, 67,5%; no setor de transformados plásticos, 69,3%; e no setor químico, 75,4%. A trabalhadora do setor recebe, em média, 25% menos na comparação com o salário dos homens.



Arte sobre fotos Freepik/ISXC

# As mulheres sempre estiveram no mundo do trabalho

Não é de hoje que a mulher está no mercado de trabalho. A diferença é que antigamente elas trabalhavam como empregadas domésticas, nas fábricas de confecções, no comércio ou nos escritórios e quando se casavam eram obrigadas a abandonar o trabalho por falta de opção em relação ao cuidado dos filhos ou por dispensa arbitrária

1915. Acervo da Biblioteca do Congresso, Washington



1915 | Trabalhadora inglesa

do patrão que não aceitava mulheres casadas.

A batalha por creches ou reembolso de custos é uma grande conquista dos sindicatos, porque pela legislação as mulheres teriam

acesso a creche só nas empresas com mais de 30 trabalhadoras e somente durante o período da amamentação. “Nossa convenção garante o acesso a creche ou reembolso no valor de 50% do piso da categoria por 24 meses para os químicos e 30 meses para os farmacêuticos contados a partir do fim da licença-maternidade. Sem dúvida, um importante avanço para as mulheres da nossa categoria”, lembra Célia. A secretária da Mulher Trabalhadora alerta ainda que a empresa que não cumprir o que a convenção estabelece deve



Vera Jursys/CDM/Químicos-SP

1991 | Mulheres químicas com filhos, diante da Fiesp, lutam por creches no local de trabalho

ser denunciada ao Sindicato para que seja aplicada a devida punição.

A maior presença das mulheres nas empresas também vem contribuindo para alterar o ambiente de trabalho. Antigamente as empresas não tinham instalações adequadas, como banheiros

e vestiário feminino, e as máquinas não eram adaptadas para a estrutura física delas. Mas aos poucos e graças à luta das mulheres essa realidade foi se modificando. “Ainda persiste o mito de que as mulheres são frágeis e submissas à chefia e de que não fazem luta. No entanto, a experiência tem mostrado que elas não são nada disso, pelo contrário, são protagonistas de movimentos importantes e, na hora de reivindicar e defender seus direitos, são firmes e não fogem à luta”, afirma Célia.



Eduardo Oliveira

2015 | 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, na Av. Paulista

Infelizmente, ainda de acordo com a sindicalista, a intimidação de mulheres nas fábricas continua a ser uma prática frequente. Casos de assédio moral são comuns entre homens e mulheres, mas as mulheres costumam ser o alvo preferido.

## Mulheres químicas são pioneiras

As mulheres químicas são pioneiras na luta por seus direitos. A luta por creches foi uma das principais bandeiras dos anos de 1980.

Em 1988, durante o I Congresso dos Trabalhadores Químicos de São Paulo,

as mulheres levaram ao debate o autoritarismo nas fábricas, a discriminação às gestantes, a falta de creches e as limitações à atuação feminina nos sindicatos.

Outro fato marcante na trajetória das químicas foi a eleição da primeira mulher presidenta da entidade, em 1989. E,



Vera Jursys/CDM/Químicos-SP

desde o último Congresso, realizado em 2014, foi aprovada a cota de 30% para mulheres, já colocada em prática na última eleição da direção deste Sindicato.

Também em 2014, as mulheres do setor farmacêutico conquistaram o direito a licença-maternidade de 180 dias.

## Compartilhamento de tarefas é necessário



Reprodução

A divisão dos afazeres domésticos não é igual entre homens e mulheres. Elas trabalham em média 21 horas por semana nas tarefas de casa, enquanto eles se dedicam em torno de 10 horas. “Vivemos numa sociedade machista, pois infelizmente são poucos os homens que dividem as tarefas domésticas. Essa é uma realidade que precisa mudar. Enquanto isso não mudar, as mulheres continuarão sujeitas a empregos precários e jornadas flexíveis para poder conciliar o trabalho com a vida doméstica e o cuidado com os filhos”, avalia Célia.

O Sindicato tem lutado para divulgar

a convenção 156 da OIT sobre o compartilhamento das responsabilidades familiares. A sua aprovação implicará em maior responsabilidade dos homens com todas as atividades e compromissos que envolvem a família, como levar os filhos a creche, escola, médicos etc. O Sindicato defende a ampliação da licença-paternidade para que os homens também sejam responsáveis pelos cuidados dos filhos recém-nascidos. Recentemente foi aprovada no Senado a ampliação da licença-paternidade de 5 para 20 dias, mas ainda falta a sanção da presidenta Dilma Rousseff.

## Você sabia?

Por muito tempo acreditou-se que a escolha do 8 de março para ser o Dia Internacional da Mulher foi devido a um incêndio em uma fábrica têxtil nos Estados Unidos que vitimou cerca de 150 trabalhadoras que organizavam uma greve contra às más condições de trabalho. Desde a década

de 1970, entretanto, novas pesquisas nessa área têm apontado que a escolha da data está ligada à história da Revolução Russa. De fato, houve esse incêndio nos EUA, um acontecimento trágico para o movimento sindical e feminista na época, mas o incêndio sequer teria ocorrido nessa data.



Sindiluta

é uma publicação do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas, Plásticas, Farmacêuticas, Cosméticas e Similares de São Paulo, Taboão da Serra, Embu, Embu-Guaçu e Caieiras

SEDE CENTRAL – Rua Tamandaré, 348 – 01525-000 – Liberdade – São Paulo – Tel.: 3209.3811

SUBSEDES

Santo Amaro – Rua Ada Negri, 127 – Tel.: 5641.2228

Lapa – Rua John Harrison, 175 – Tel.: 3836.6228

São Miguel – Rua Arlindo Colaço, 32 – Tel.: 2297.0631

Taboão da Serra – Estr. Kizaemon Takeuti, 1.751 – Tel.: 4137.9237

Caieiras – Rua São Benedito, 105 – Tel.: 4605.4297

Embu-Guaçu – Praça Inácio Pires de Moraes, 7, sala 2 – Centro

Tels.: (11) 4661.2589 / 4661.2168

DIRETORIA COLEGIADA – GESTÃO 2015/2019 – Adir Gomes Teixeira, Ailton Pereira Nunes, Alex Ricardo Fonseca, André Pereira Rodrigues, Andréa Rita de Cássia Silva, Antenor Eiji Nakamura (Kazu), Bartolomeu Barbosa Santiago, Carlos Eduardo de Brito, Carlos Gomes Batista (Carlinhos), Célia Alves dos Passos, Célia Maria Assis de Souza, Clarineide Ribeiro Dorea da Silva, Deusdete José das Virgens (Dedé), Edna Vasconcelos do Amaral, Edson Luiz Passoni, Elaine Alves Nascimento Blefari, Elizabeth Maria da Silva (Bete), Erasmo Carlos Isabel (Tucão), Fátima Fernandes Pereira Gonsalvia, Geralcino Santana Teixeira, Geraldo Guimarães, Hélio Rodrigues de Andrade, Hélio Alaeste Benício, João Carlos de Rosis, José Alves Neto, José Deves Santos da Silva, José dos Reis dos Santos Valadares, Leônidas Sampaio Ribeiro, Lourival Batista, Lucineide Varjão Soares (Lu), Luiz Pinheiro, Lutemburgue Nunes Ferreguete (Nunes), Maria Aparecida Araújo do Carmo (Cidinha), Nilson Mendes da Silva, Núbia Dyana Ferreira de Freitas, Osvaldo Bezerra (Pipoka), Regiane de Souza Machado Gomes, Renato Carvalho Zulato, Rosana Sousa Fernandes, Sílvia Maria de Souza, Sueli Souza Santos, Waldir de Moraes, Wladecir dos Santos

Jornalista responsável: Soraia Nigro de Lima (MTB 20.149) – Redação: Juliana Leuenroth – Estagiária: Mariana Sicchi Dib Antonio – Diagramação e ilustrações: Paulo Monteiro de Araujo – Impressão: Cândido & Oliveira Gráfica Ltda. – Tiragem: 50.000